

ACERVO DO POETA FELIPPE D' OLIVEIRA: O TESTEMUNHO DAS CARTAS

Pedro Brum Santos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - RS

Nossa proposta, intitulada “Linguística e História Literária no Sul: Estudos das idéias e organização da memória”, integra-se ao projeto “História das Idéias Linguísticas no Brasil” e se desenvolve no âmbito da UFSM com o objetivo de levantar, inventariar e analisar textos-fonte para o estudo da literatura e da cultura do Rio Grande do Sul. Uma de nossas atividades¹ tem como objeto um conjunto de cartas pertencentes ao acervo do poeta Felipe D'Oliveira (1890-1933), conjunto esse que se encontra em Santa Maria, terra natal do autor. O trabalho consiste em leitura, análise, transcrição de manuscritos, atualização ortográfica e organização de notas. Apresentamos breve relato dessa atividade, através de descrição do material e de esboço sobre situações que envolvem o poeta missivista.

A chamada geração gaúcha de 1890 experimentou, em torno de seus integrantes mais salientes, uma inserção histórica marcante, desempenhando atividades em diferentes setores da vida pública nacional. A ela pertencem nomes como os de Getúlio Vargas, João Neves da Fontoura, Maurício Cardoso e Oswaldo Aranha, de destacadas atuações no campo sócio-político. Pertencem-lhe, ainda, aqueles que, como Alvaro Moreyra, Felipe D'Oliveira, Alceu Wamosy e Homero Prates, conciliaram participações político-partidárias com o desenvolvimento de atividades poéticas e artísticas.

Na década de 1920, radicados no Rio de Janeiro, alguns desses nomes filiam-se ao movimento modernista, ao mesmo tempo em que se engajam nos ideais do liberalismo. À ousadia de expressão buscam corresponder a defesa da livre-iniciativa e da diversificação da matriz produtiva. Aderem ao modelo europeu de desenvolvimento industrial, entendendo-o como adequado para o crescimento brasileiro e com esses ideais participam ativamente da revolução de 1930².

Felipe D'Oliveira é, dos poetas de sua geração, aquele que levou mais longe o engajamento partidário. Conspirou com Getúlio Vargas em

30 e, malograda a plataforma liberal, colocou-se contra o antigo líder na Revolução Constitucionalista de 32, o que lhe valeu o exílio em Paris³. As manobras revolucionárias em torno de Vargas representam a fase mais expressiva da atuação política do poeta. Presume-se isso através da leitura da correspondência preservada pelo acervo mantido por seus familiares⁴. Trata-se de um conjunto de 47 cartas trocadas entre integrantes dos escritórios montados no Rio de Janeiro e em Porto Alegre com o fito de tratar das ações preparatórias à sucessão de 1930.

Observada em seqüência cronológica, a correspondência cobre um período que vai de 12 de março de 28 – data da primeira, a 9 de agosto de 30. Felipe D’ Oliveira, seu irmão João Daudt e João Neves da Fontoura são os três principais signatários. Felipe e João Daudt gerenciavam o escritório do Rio de Janeiro. Ali, além da administração dos negócios da família, situados no ramo de farmácia, preparou-se, inicialmente, a candidatura Vargas para a eleição de março e, mais tarde, a conspiração para a revolução de outubro. João Neves, líder da bancada republicana gaúcha na Câmara dos Deputados de 27 a 30, alternava sua base entre o Sul e o Rio de Janeiro. Ainda aparecem nas cartas, na condição de signatários ou como figuras referenciadas, nomes como os de Oswaldo Aranha, Borges de Medeiros, Lindolfo Collor, João Batista Luzardo, Firmino Paim Filho, João Pinto da Silva e Getúlio Vargas, todos políticos ligados ao Partido Republicano Rio-Grandense (PRR).

Afora o fato de revelar o envolvimento de Felipe D’ Oliveira no processo sucessório e conspiratório, a correspondência serve para mostrar a variação do estado de ânimo do grupo, desde as primeiras ações até a reta final da campanha revolucionária. Nas primeiras cartas, o tom pessoal e afetivo é mais intenso. Getúlio escreve a João Daudt, a 12 de março de 28: “Chegado aqui [em Porto Alegre, vindo de Passo Fundo], já encontrei minha mulher instalada no Palácio. Agora à noite ela foi ao teatro assistir a uma cena de prestidigitação e malabarismo”.

João Daudt ainda se corresponde com Getúlio em 6 de dezembro de 28, expressando o mesmo tom de proximidade familiar: “Eu e Tetéia⁵ ainda não nos habituamos com a ausência do casal Vargas, a quem Tetéia não perdoa a fraqueza de abandonar as seduções da sua maravilhosa cidade em troca da presidência do Rio Grande”.

Nas correspondências de 29, cresce a ênfase aos aspectos político-partidários. Em março daquele ano, é de João Daudt a primeira gestão que aparece nas cartas no sentido de que Vargas aceite uma candidatura ao executivo. Diz-lhe o amigo Daudt:

Se teu nome não surgir de uma ou outra procedência [apoiado por Minas ou lançado pelo Catete, alternativas que eram, ambas,

apontadas como conciliadoras para a crise que se anunciava na sucessão de Washington Luis] e se se verificarem as probabilidades ainda em balanço da candidatura Prestes⁶, entendo que o Rio Grande deve não só aceitar como pleitear com toda a energia a vice-presidência. (...) O Rio Grande, no caso de lhe não caber a presidência futura, só tem um rumo a tomar: disputar com todo o ardor a vice-presidência para ti.

Ao par das moções em favor de uma candidatura getulista, expressas por correligionários, os textos deixam clara uma estratégia reticente adotada pelo próprio Getúlio. Em carta de 25 de fevereiro de 29 a João Daudt, afirma Vargas:

Dada a nossa amizade, o teu desinteresse, a confiança integral que em ti deposito, vou dizer-te algumas coisas para o nosso recíproco entendimento e que entre nós deve ficar. A única atitude face ao problema político deve ser de discrição e silêncio. A atitude dos políticos mineiros é no sentido dos seus interesses pessoais. Não nos iludamos. Todo seu esforço será embalar-nos com promessas falazes, com o verdadeiro intuito de nos afastar da política paulista. Conseguindo isto, eles manobrarão para tirar proveito. A regra deve ser ouvir e transmitir sem prometer. Continuaremos nosso apoio ao presidente⁷ que tem invariavelmente prestigiado a situação política do Rio Grande, sem indagar-nos de sucessão. Quando for oportuno ele nos ouvirá. Nada mais.

As posições de Vargas, caracterizadas, já a esta altura, por adiamentos, reclusões, reticências, dubiedades, indisposição para assumir acordos, somente se desdobram nessa linha, segundo testemunho registrado no transcurso das correspondências. Primeiro em relação à formalização da candidatura e, após, passado o pleito de março e confirmada a derrota, no que diz respeito à aceitação dos acordos conspiratórios com Minas Gerais e Paraíba. A situação torna-se aguda em abril de 30, conforme relata João Neves em carta escrita de Cachoeira do Sul a João Daudt e Felipe, datada do dia 26. Na carta, Neves relata que Getúlio vetara um memorando que contava com o beneplácito de Borges de Medeiros⁸, negando-se a insurgir-se contra cortes orçamentários da União que inviabilizavam o setor bancário da Província. Afirma Neves:

Como vocês vêem, o nosso amigo, cuja marcha para a capitulação é antiga, de exclusiva responsabilidade dele e alarmante, apertado por mim, por escrito já aprovado *in totum* pela chefia, teve de

descobrir o jogo. Mais suscetível do que o chefe⁹, que lealmente me deu o placet ao roteiro, ele não pode continuar por mais tempo a comédia da tapeação, vendo-se constrangido a aceitar a parada, sem subterfúgios. Aprovar o memorando, seria marchar contra o Catete e prosseguir uma luta, que nenhuma utilidade pessoal lhe pode trazer: desaprovar, equivalerá à minha saída, já agora definitivamente resolvida.

Apesar dos desentendimentos e das reticências de Vargas, a Aliança Liberal apenas se reforça entre abril e outubro de 30, quando a revolução finalmente eclode. Desse período, os arquivos registram uma série de mensagens cifradas, todas elas concentradas em ações preparatórias ao golpe.

A atuação pessoal de Felipe D'Oliveira cresce justamente em torno das ações decisivas da conspiração. Ele é o autor das chaves para as cifras utilizadas como meio de comunicação entre os conspiradores. Antes disso, ainda na época em que se preparava uma candidatura para concorrer em 30, o poeta vai pessoalmente negociar apoios, primeiro com Minas Gerais e, posteriormente, com Pernambuco e Paraíba. Há longas cartas deste período, nas quais o autor relata com minúcias, recheadas de impressões pessoais, essas visitas. Nas palavras de João Neves, em carta de junho de 29 a João Daudt, “decididamente, a poesia desta vez vira política”.

A 6 de julho de 29, Felipe d'Oliveira relata ao irmão João Daudt a entrevista que tivera com o governador pernambucano Estácio de Albuquerque Coimbra. O encontro ocorrera no dia anterior e dele também participou Eloy de Andrade, político mineiro, representante do governador Antonio Carlos nas negociações que tinham em vista, naquele momento: confirmar o nome de Getúlio Vargas para concorrer à presidência da república na eleição de março do ano seguinte. Trata-se de longa carta, dividida em duas partes. Na primeira, o missivista descreve a entrevista, não lhe escapando detalhes circunstanciais do encontro com o governador pernambucano:

Chamado ao salão, antes que eu me sente, ouço a informação breve do Dr. Eloy, anunciando a recusa de Pernambuco. Sento-me à esquerda do Estácio e explico que então me cabia apenas uma ação elucidativa: apresentar as credenciais que justificavam minha presença. Entrego a carta do Neves. Estácio lê, relê e devolve-me sem comentário. Em seguida a uma pausa, diz que vai repetir-me as razões apresentadas ao Dr. Eloy.

O trecho introduz, desde logo, a dificuldade da adesão de Pernambuco. O autor opta pela forma narrativa para dar conta dos resultados da missão. A preocupação maior é com a exposição dos fatos, deixando de lado possíveis julgamentos. A má-vontade para com o governador nordestino – recalcitrante à proposta de apoiar a candidatura getulista – é traída apenas por um dado de composição lingüística: a ausência de senhoria. Felipe trata-o simplesmente por Estácio, enquanto o título de doutor fica reservado para o correligionário Eloy de Andrade, que lhe acompanha na missão.

A exposição de julgamentos, o autor destina para a segunda parte da carta. Neste trecho, aparece sua capacidade de interpretação, algo que é explicitado com método e didatismo:

O Estácio deu mostras evidentes de afagar a idéia da Presidência, denunciadas pelo seguinte:

- a. referências teimosas a seus 33 anos de serviço republicano;
- b. sua insistência em dizer não acreditar que o Presidente queira impor um candidato;
- c. suas referências ao direito dos Estados de governarem o país e seu *tom* de referir às desesperanças que podem levar ao desmembramento;
- d. sua insinuação intencional de sua intimidade com os “deuses”;
- e. e, sobretudo, a preparação de sua resposta, que diz o Dr. Eloy ter sido mais animada e segura para mim do que para ele, apesar de ser a mesma, com as mesmas palavras, como se as tivesse de cor.

Interpretação: a carta do Neves lhe deu a medida da *extensão* do acordo que ele não imagina tão radical; viu, assim, uma força vultosa contraposta a do Catete, equivalendo-a; viu fora dessas duas forças – Pernambuco, que, apesar de incorporado às do Catete, não oferecia aparência militante “ortodoxa”, o que não incompatibilizaria o nome suave do Estácio para *tertius*.

A capacidade de fria observação dos fatos, em outros momentos, transforma-se em veemência apaixonada pela causa revolucionária. Nessas passagens, a capacidade narrativa é substituída pela mestria argumentativa. A carta de 21 de março de 30, assinada pelos irmãos Daudt e enviada a João Neves, busca demover este último de sua decisão de renunciar à deputação federal. O móvel do argumento é uma entrevista concedida por Borges de Medeiros ao jornal *A noite*, na qual o líder rio-grandense reconhece a derrota de Vargas e a conseqüente vitória de

Júlio Prestes no pleito que recém havia se realizado. O estilo coerente e incisivo da argumentação, fazendo ver a Neves que chegara sua vez, pois “não te caberá mais uma simples abdicação altiva e despreendida, imolando-te ao comodismo dos contemporizadores”, leva a crer que o autor do texto é Felipe. A carta é de quem sabe medir as palavras, de modo a alcançar sobre seu destinatário um efeito capaz de fazê-lo revisar posições:

Não se pode dar uma idéia aproximada da indignação e da repugnância que a fala do Borges, a julgar pela repercussão aqui, despertou na consciência nacional, a que só se medem, talvez, pela extensão da confiança coletiva na reação do Rio Grande contra essa imolação e alvar de sua dignidade cívica. E, no rumor desta confiança, sobressai o teu nome, proferido por toda a parte, como o depositário mais graduado da honra e da bravura de nossa gente e a nação inteira olha para ti com a certeza confortadora de que o teu verbo conclamará, para uma resistência moral e decisiva, os homens do partido fiéis aos compromissos assumidos em nome do Rio Grande.

As cartas assinadas por Felipe D’ Oliveira demonstram, assim, sua capacidade isenta de julgamento e seu talento para compor páginas persuasivas. Soma-se a isso uma inseparável consciência estética a presidir-lhe o ato da escritura, predicado que o autor já provara de outro modo através de sua produção poética.

A prosa epistolar mantém a contensão algo casta e bem medida dos simbolistas, tal como a encontramos nas estrofes de “Elogio da volúpia”, poema de 1911, no qual, desde logo, também fica saliente a habilidade no trato das palavras:

Meia tinta brumal, dúbia, de sonolência...
Tenho-te ao lado: “- Eu te amo!...” ...E, adormecendo,
sinto que tu evolvas na alma branca de uma essência...
(OLIVEIRA, 1990, p. 42)

Outro dado expressivo saliente nas cartas e encontrado na poesia é o gosto por finais em forma de questionamento bem-humorado em relação ao conteúdo proposto. “Encruzamento de linhas”, seu poema mais conhecido, publicado em 26, utiliza tal recurso:

Longitudinal, centrífugo,
o trem racha em duas metades

a espessura do escuro

(.....)

Mas se o maquinista fosse daltônico

a locomotiva teria parado. (OLIVEIRA, 1990, p. 65)

Procedimento semelhante está registrado na aludida carta de 29, que relata entrevista com o governador de Pernambuco. Concluída a exposição sobre as tratativas partidárias, o poeta encerra a mensagem com uma alusão ao banho que tomara no palácio do governo e não se furta de estabelecer uma comparação com o gesto de Pôncio Pilatos: assim como o cavaleiro romano, Felipe sugere que sua obrigação está cumprida: “[a conversa] terminou por um oferecimento do Estácio para que eu tomasse um banho em seu reluzente banheiro. E eu, sem pretender dilatar o gesto de Pilatos, lavei o corpo inteiro na fresca ducha governamental do Engenho Mirim”.

Semelhanças estilísticas à parte, o descortinamento da atuação política de Felipe D’Oliveira, segundo o testemunho das cartas, permite verificar o quanto autores como os da sua convivência tinham a arte num patamar que eles próprios consideravam acima das questões da existência mais imediata. Logo, a desenvoltura político-partidária não se estende para a poesia. A política representa mesmo uma outra face do poeta. A começar pela circulação dessas ações: quando trata da política, em nenhum momento faz menção a sua turma literária do Rio de Janeiro, cujo convívio era freqüente e ativo. Álvaro Moreyra, Ronald de Carvalho, Homero Prates, numa mistura entre os visitantes do Sul e os consagrados autores, radicados na capital federal, estavam entre seus mais próximos companheiros de rodas de boêmia e literatura. A ação partidária registrada nas cartas, no entanto, não menciona qualquer desses nomes. Os pares da poesia estão ausentes das composições de Estado. Da mesma forma, a produção poética não deixa transparecer qualquer interesse por temas que não sejam aqueles consagrados pela série literária.

A obra de Felipe D’Oliveira reproduz a marca que identifica a parcela de sua geração que se manteve fiel, até o fim, à composição de uma poesia que se recusa a traduzir as convulsões do tempo social dos autores. Quando verificamos o julgamento histórico dessa produção, notamos que ele costuma ser impiedoso, pautando-se justamente por esse distanciamento entre a arte e a vida. Saliente-se, a propósito, o que afirma Antonio Candido: [tal produção mostra-se] “satisfeita, sem angústia formal, sem rebelião, nem abismos. Sua única mágoa é não parecer de todo européia; seu esforço mais tenaz é conseguir pela cópia o equilíbrio e a harmonia, ou seja, o academismo”¹⁰.

A leitura das cartas, por outro lado, mostra um Felipe D'Oliveira ardoroso na defesa da causa liberal. Mais do que isso, demonstra seu papel decisivo, ao lado do irmão João Daudt e do amigo João Neves da Fontoura, em um dos momentos brasileiros mais significativos do século XX. O que sua poesia pode ganhar com tais revelações? Difícil de responder. O que as ações perpetradas e descritas revelam, isto sim, é um político com astúcia, tenacidade e energia expressiva próprias da arte poética.

Notas

¹ Já participaram dessas atividades, com auxílio do CNPq, Adriana Monfardini e Edimara Luciana Sartori. Estas atividades desenvolvem-se hoje no interior dos trabalhos do acordo Procad-Capes-Unicamp-UFSM.

² A partir de núcleos regionais de poder e com a aliança entre militares nacionalistas e jovens políticos oriundos variadamente tanto das camadas médias urbanas como da oligarquia brasileira, a revolução de 30 acabou se consolidando segundo uma perspectiva conservadora de poder. Cf. FAUSTO, Bóris. *A revolução de 1930*. São Paulo: Brasiliense, 1970.

³ Exilado na capital francesa, o poeta morreu em fevereiro de 1933, vítima de acidente de automóvel. Publicara, até então, dois livros de poemas: *Vida extinta* (1911) e *Lanterna verde* (1926). No ano da morte e já póstumo, publicou-se *Alguns poemas*, reunindo trabalhos de diversas épocas. Toda a poesia do autor encontra-se em *Obra completa* (Org. COSTA, Lígia Militz; MOREIRA, Maria Eunice e SANTOS, Pedro Brum. Porto Alegre: IEL; Santa Maria: Editora UFSM, 1990).

⁴ Cópias dessa correspondência foram doadas ao arquivo de cultura de Santa Maria, RS, no início dos anos 1990. As citações deste texto são retiradas dessas cópias.

⁵ Stella Daudt d'Oliveira, filha do jornalista Alexandre Gasparoni, um dos proprietários da Revista *Fon-Fon*, e esposa de João Daudt d'Oliveira.

⁶ Júlio Prestes (1882 – 1946). Foi governador de São Paulo em 1927. Em 30, venceu as eleições de março à presidência da república, derrotando Vargas com o apoio do PRP.

⁷ Washington Luís (1870 – 1957). Presidente da República em fase conturbada da vida nacional entre 1926 e 1930.

⁸ Antônio Augusto Borges de Medeiros (1863-1961). Governou o Rio Grande do Sul com mão de ferro de 1898 a 1928 e fez de Getúlio Vargas seu sucessor. Até os anos 30, foi o chefe absoluto do PRR.

⁹ Referência a Borges de Medeiros.

¹⁰ Cf. CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1985.